

Gonçalo Cordeiro

Universidade de Lisboa

Ana Raquel Fernandes. *O Pícaro e o “Rogue”*. *Sobrevivência e Metamorfose de Daniel Defoe a Julian Barnes* (Lisboa: Colibri, 2006)

Fruto de uma dissertação de mestrado em Literatura Comparada, o primeiro livro de Ana Raquel Fernandes foi editado com a chancela da Colibri, ampliando deste modo a possibilidade de colocar o resultado da sua investigação ao alcance de um público que não apenas o dos círculos mais restritos da academia. No centro da sua atenção está uma figura com particular expressão na Literatura Inglesa, conhecendo, no entanto, uma dimensão transnacional. Embora afim da personagem pícara, o *rogue* distingue-se aqui como propriedade, legando o seu nome a um terreno literário específico – a *rogue literature*.

Ainda que investigando no âmbito da Literatura Inglesa, a autora assume uma filiação comparatista no modo de perspetivação e análise dos problemas que se propõe tratar. O seu posicionamento resulta de modo tanto mais adequado quanto a problemática da literatura *rogue* se oferece de forma fecunda a um olhar com preocupações de natureza multidisciplinar, atento à manifestação plural de modelos cuja singularidade beneficia com o facto de serem colocados em relação. O título do livro assume, deste modo, uma formulação clássica, que encontra na partícula “e” a assunção do problema e a implícita natureza do trabalho. Os fios condutores enunciados no subtítulo – sobrevivência e metamorfose –, dão conta de um dos principais objectivos deste estudo, a saber, traçar o percurso da personagem *rogue* ao longo de uma tradição literária secular que tem continuidade no presente e que, com a instituição do seu género, subsidia a definição do romance moderno ocidental tal como o conhecemos.

Esta abordagem sensível ao carácter complexo do fenómeno em estudo, na linha do que deve ser a investigação nas ciências humanas

e que assume particular relevância quando tratamos de comparatismo, está também presente na convocação de referências no trabalho da autora, que recupera os clássicos (passando por Homero, Petrónio e Apuleio, indo até Kafka, por exemplo – no que se sublinha a importância da questão da metamorfose) e reconhece a herança de críticos como Claudio Guillén, Backthine ou Frank Chandler, entre outros.

O leitor pouco familiarizado com a nomenclatura conceptual relativa à tipologia do *rogue* poderá encontrar logo na “Introdução” do livro uma clara e elucidativa apresentação, não só da figura do *rogue* propriamente dita como também, de modo mais abrangente, da temática, da história e dos problemas endereçados por este subgénero literário. Estão assim enunciadas as duas partes principais que estruturam o volume: numa primeira parte, intitulada “Rogue Literature,” a autora procura mapear as origens desta literatura específica, fornecendo numa exposição informativa e lógica as coordenadas históricas, sociais e culturais que nos permitem situar as suas raízes e evolução; numa segunda parte, “Rogue (Anti)Heroes,” procede-se a uma configuração da personagem *rogue* através do estudo cuidadoso e atento da sua presença em casos paradigmáticos da literatura inglesa, cuja pertinência é conscienciosamente justificada.

Destacando Daniel Defoe, com *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders* (1722), como o marco que inaugura a autonomização da literatura *rogue* na modernidade enquanto subgénero de direito próprio, a autora traça a genealogia que o precede e nele vem a desembocar (séculos XV a XVIII), para depois passar ao tratamento de obras inglesas seleccionadas (séculos XVIII a XX), especialmente representativas da expressão moderna da literatura *rogue*. Reunindo com detalhe informação de ordem histórica, sociológica, religiosa e editorial, a autora coloca em diálogo a literatura picaresca espanhola com a produção de biografias e panfletos dedicados à divulgação de histórias de crimes e criminosos em Inglaterra, mostrando como a literatura *rogue* é devedora de tais modelos.

Central para o entendimento da metamorfose do estatuto da personagem *rogue* é, com efeito, o subcapítulo dedicado aos conceitos de herói e anti-herói, onde se procede a uma sistematização teórica que habilita o leitor a acompanhar a significativa alteração do estatuto do

protagonista, que se instala com os picarescos *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* (1554), *La vida de Guzmán de Alfarache, atalaya de la vida humana* (1599) e com a publicação da primeira parte de *Dom Quixote* (1605). Tais narrativas dão visibilidade a uma ruptura que coloca à deriva o foco das narrativas tradicionais, passando a atribuir-se o protagonismo a personagens situadas nos antípodas do herói clássico, postadas à margem do conjunto de princípios vigentes numa determinada comunidade – e daí o posicionamento “anti-sistema” destas personagens, em nome de interesses próprios a que não corresponde um pensamento ético convencional. A tendência dominante na *rogue literature* prolonga este eixo, indo também no sentido de uma maior aproximação à realidade e aos problemas do quotidiano, captando deles a obscenidade, a violência e a fraude. A autora vai mais longe, ao reforçar por um lado que, na sua qualidade de anti-herói, o *rogue* “surge, assim, sistematicamente associado a um ambiente hostil, denunciando o sistema injusto e cruel que rege a sociedade onde se insere e contribuindo para um processo intenso de crítica social” (p.58), não deixando de lembrar, por outro, que este anti-herói não hesita em tirar partido da imperfeição do sistema em proveito próprio sempre que para isso tenha oportunidade.

É sobretudo a partir de Defoe que, como fica bem claro pela leitura do último ponto da secção II e do primeiro ponto da secção III do livro, a personagem *rogue* adquire uma consistência individual e psicológica no discurso literário, que ao dar-lhe a palavra passa a conceber a inclusão da heteroglossia e da polifonia dialógica e se torna veículo de crítica social. Tomando este momento matricial da literatura *rogue* como ponto de referência, a autora reúne outras quatro obras, explorando as suas conexões e dissemelhanças no sentido de proceder a uma avaliação da capacidade de metamorfose e sobrevivência do conjunto de traços que acompanham e distinguem a tipologia da personagem em exame. Justapondo *Moll Flanders* (1722) e *Herself Surprised* de Joyce Cary (1941), *Jonathan Wild* de Henry Fielding (1743) e *Talking It Over* de Julian Barnes (1991), a reflexão apresentada propõe-se pensar o *rogue* colocando em jogo os eixos da cronologia e do género sexual e versando também sobre a importância do contexto da metrópole como lugar eleito do submundo da criminalidade, sobretudo em *Oliver Twist* de Charles

Dickens (1838). Desta análise resulta a percepção do enriquecimento da personagem, enformada pela própria ideia de sobrevivência em condições adversas e capaz de adaptar-se mimeticamente às exigências da sua circunstância em virtude das propriedades *camaleónicas* que aprendeu a desenvolver – para usar uma ilustração recorrente ao longo do livro.

Descendente do pícaro, o *rogue* actualiza por seu turno um mundo imperfeito em constante mutação, permitindo-nos vê-lo através do olhar do vagabundo e do marginal a quem a literatura *rogue* restitui a voz. Em nome da subversão da ordem e veiculando uma versão alternativa da escala de valores regida pelo critério antropológico, a literatura *rogue* deixa-nos alerta para as condições de controlo do poder, sejam elas relativas à sociedade ou ao cânone literário. Em jeito de nota final, gostaria ainda de salientar um efeito de leitura que vem juntar-se ao esclarecimento e rigor da exposição de Ana Raquel Fernandes, que é a gestação lenta e subliminar de uma dose substancial de ambiguidade no julgamento desta personagem tão especial com quem somos levados a renegociar constantemente o estatuto de herói. Quem já leu alguma destas obras terá sido de certo sensível à ironia crítica que perpassa a relação do indivíduo com o sistema e nos obriga a reajustamentos de interpretação do texto. Um dos pontos fortes deste livro é, creio, o de ter sabido encontrar a visibilidade necessária para esse aspecto, compreendendo que nele reside uma das explicações para o fascínio que a literatura *rogue* ainda hoje continua a despertar.